UNICAMP

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

T.C.C. - I I

"UM ESTUDO SOBRE EDUCAÇÃO INDÍGENA"

ORIENTADOR: PROF. DR. JOSÉ CLAUDINEI LOMBARDI

ALUNA/ORIENTANDA:ANA PAULA CARIA SQUARIZZI

R . A . : 940307

UNICAMP BIBLIOTECA

ANSIEDADE

De repente um estalo,
Não raro , o susto;
Semblantes cerrados, embalo
Da indagação a todo custo.

O que foi que aconteceu ?
Desespero percorre todos os sentidos,
Indagações, gritos, tudo empalideceu,
O que vamos fazer ?Alguns sem os sentidos.

A escuridão conturbada pelos gritos,
Desesperos, acervo da incredulidade.
Uma voz de comando em meio aos aflitos;
Chega a luz, com ela a ansiedade.

Olhos que se cruzam,
Buscam ao léu,
perguntas que tumultuam
As explicações como se fossem réus.

J. Osnir Perossi
(Janeiro/ 1997)

ÍNDICE

I - Introdução.....pg. 03

II - Metodologia.....pg. 05

III - Desenvolvimento.....pg. 07

IV - Conclusão.....pg. 20

V - Bibliografia.....pg. 23

VII - Anexos.....pg. 25

INTRODUÇÃO

Refletindo sobre o que escolher como tema para o meu projeto de pesquisa pensei, num primeiro momento, optar pelo folclore brasileiro. No entanto, conclui que esse tema seria muito amplo e não haveria tempo suficiente para abordar todos os seus aspectos. Sendo assim, escolhi uma das suas inúmeras ramificações, os indígenas e sua cultura, mais especificamente a "educação indígena", com toda a influência sofrida pelos brancos.

Segundo Marina Kahn, em seu artigo "Educação Indígena no Brasil", a educação indígena no Brasil teve início na Colônia e se configura até hoje "...como um processo a serviço da assimilação dos grupos indígenas à sociedade nacional...A educação indígena acabou tendo como referente o sistema formal, institucionalizado na e pela sociedade não indígena, baseada no letramento e na escola..." (pág. 5)

Nos anos 80, foram afirmados inúmeros movimentos indígenas organizados no Brasil, com o intuito de garantir leis e conquistar seus diretos formais. "...Surgiram leis promissoras para o país as formas de intervenção

definidas pelo Estado preocupavam-se primordialmente em evitar a destruição física dos povos indígenas, mas, em contrapartida assumiam como inevitável desaparecimento das culturas indígenas..."(pág.6)

De acordo com Marina Kahn em seu artigo "Educação Indígena Versus Educação Para Índios", "... Educação indígena é algo a ser conquistado e educação para o índio é algo a ser evitado..." (pág.137)

Não existe uma educação indígena que caiba num modelo de escola, vêm-se fazendo uma educação para o índio, pois acabam de reproduzir uma escola formal, tanto que hoje é mais adequado a referir-se a este assunto como Educação Escolar Indígena.

"...Não podemos nos dar a ilusão de estarmos construindo uma escola verdadeiramente indígena se, antes de mais nada, nós, agentes destes processos, não somos índios e, sobretudo, porque os índios que estão sendo preparados para assumir esta tarefa vem sendo orientados, informados, catequisados , doutrinados por nós, caras pálidas..." (pág. 137-138)

Este assunto, apesar de muito polêmico, sempre despertou meu interesse por ser um povo esquecido e discriminado pelas autoridades do nosso país.

METODOLOGIA

Iniciei meu trabalho sobre educação indígena fazendo pesquisa bibliográfica na internet e em bibliotecas, e observei que apesar de computadores e internet estarem presentes na grande maioria das escolas, instituições e residências, no que se diz respeito a bibliografias e home pages sobre o indígena brasileiro são superficiais as informações, nos quais os sites são poucos, perto do grande número de bibliografias que existe à respeito do assunto em questão, e nos quais aparece apenas um pequeno resumo que não é suficiente para nos aprofundarmos no tema, o que dificulta o estudo sobre este assunto a estudantes leigos que se interessam por informática e acreditam ser este um meio de comunicação mais completo atualmente, deixando de lado as pesquisas em bibliotecas não virtuais.

Em função deste fato, decidi me prender mais nas pesquisas feitas em bibliotecas convencionais, do que em pesquisas realizadas através do computador, via internet.

À medida que me aprofundei nas leituras pude confirmar a importância do assunto em questão e o aumento do meu interesse.

DESENVOLVIMENTO

Utilizei como ponto de partida para estudar os índios marúbo , o texto de Delvair Montagner Melatti e Júlio Cezar Melatti , "A criança Marúbo: Educação e cuidados."

Esses índios estão classificados como pertencentes a família dos Pano e vivem no sudoeste da Amazônia, na divisa entre Brasil e Peru, estando em contato com os civilizados (seringueiro) , desde o fim do século passado.

Percebi que essa sociedade resulta da fusão de "... vários grupos de dialetos e costumes semelhantes que mantiveram intensas relações com os civilizados no auge da borracha..."(pág. 291)

Com a queda da borracha na região, os índios se reorganizaram novamente, voltando aos seus antigos instrumentos de trabalho.

"Em 1950, os Marúbo procuram os civilizados do Juruá, passando a comercializar com eles, vendendo couros e borracha a um seringalista da região..."(pág. 294). E foi nessa época que a missão Novas Tribos do Brasil entrou na tribo, permanecendo até hoje.

O comércio era difícil, pois os meios de transporte eram dificílimos. Dez anos depois, os habitantes de Solimões entram em contato com eles, e a exploração passa a ser do cedro e aguano (mogno).

Atualmente, apesar do comércio e da interferência da FUNAI, eles ainda mantém alguns costumes.

Em 1.978 a população era de 451 habitantes.

A gravidez nesta sociedade acaba sendo uma escolha, pois existem várias plantas para evitar ou estimular a gestação e até causar um aborto.

A mulher que quiser a gravidez deverá tomar certos cuidados, evitando ela e o pai de comerem certos alimentos, terá também que evitar alguns gestos e posições.

Se a mulher quebrar uma dessas regras acima citadas, terá que solicitar um "Güechitxo", que é um cântico de caráter preventivo ou curativo.

A mulher dá a luz fora da maloca e do pátio e é ajudada por outras mulheres.

Quando nascem gêmeos, matam um ou os dois ou os abandonam por que sentem vergonha. O mesmo acontece com os deficientes.

No pátio existem quadrados para abrigar as famílias. A mãe e o bebê ficam num desses quadrados cercados de cuidados, não podendo ainda comer certos alimentos, inclusive cinzas de pessoas mortas (na antigüidade), mas

para todos esses problemas que esses alimentos podem causar, existe alguma planta que servirá de remédio.

A criança é amamentada sempre que solicita, quando a mãe não está presente, a vó, ou a irmã dão-lhe o seio para acalmá-la, mesmo não tendo leite. Isso acontece até nascer outra criança.

A criança desde o seu nascimento já é um pequeno marúbo, pois irá acostumar-se com seus costumes, comendo papinha de banana e amarrando cordéis em seu corpo (acredita-se que a criança terá a forma do corpo de quem lhe amarrou os cordéis).

A mãe acaricia a criança com beijos estalados no rosto e no pescoço, ao acariciá-la o seu corpo é cuidadosamente examinado. Se a criança morre nesta fase, somente a família, os parentes mais chegados choram por ela, diferente de um adulto, pelo o qual toda a maloca chora.

A criança fica sem nome por algum tempo, muitas até começarem a andar. O nome que recebem, é de algum antecedente.

A relação mãe e filhos é muito intensa.

As crianças que começam a andar estão sempre sujas, apesar dos freqüentes banhos. A urtiga é usada para punir e tirar a preguiça da criança.

Os adultos repreendem a criança ameaçando-a e também fazem isto

por diversão própria.

No cair da tarde, um adulto canta na maloca para seus filhos ou outras crianças escutarem, é um canto mítico, então desde cedo com esses e outros cantos as crianças apreendem sobre origens, costumes e tradições do grupo.

"A assimilação da cultura tribal pelas crianças se reflete em alguns de seus brinquedos..." (Pág. 298).

A partir dos sete ou oito anos de idade os meninos começam a participar mais da vida dos adultos, saindo com seu pai para caçar, trabalhar , etc. As meninas ajudando a mãe nos seus afazeres domésticos.

Quando estão com preguiça tomam a "injeção de sapo", que fará queimaduras em seu corpo e depois passará uma secreção de um determinado sapo de cor verde em cima da ferida, muitos não conseguem nem mesmo chegar ao igarapé, vomitando ali mesmo.

A passagem da infância para a vida adulta, é marcada pela mudança de nome. Antigamente era marcada por uma tatuagem.

Somente por volta de uns 25 anos de idade é que aperfeiçoam algumas técnicas que apreendem.

É um ensino bem informal, mas todos devem chegar a idade adulta, tendo cuidado com a saúde e amor ao trabalho.

Utilizando a coletânea de texto denominada "História e cultura Kaingáng - no sul do Brasil", pude estudar um pouco da cultura dos índios Kaingáng.

Esses índios vivem no sul do Brasil e suas aldeias são localizadas muito próximas e até mesmo dentro das cidades, e apesar da grande influência dos brancos este povo não se deixou reduzir, sendo um povo que possui grande resistência o que "...é um fator fundamental da preservação da identidade cultural. É a forma pela qual o grupo se mantém como tal, diante da ameaça de outros grupos... A resistência não impede pelo contrario, de certa forma obriga o grupo a encontrar através de sua prática, formas sutis e criativas de preencher lacunas no jogo de forças com outros grupos mais fortes. Por questão de sobrevivência, Kaingáng, enquanto grupo, submete-se às regras do jogo do grupo ou da cultura dominante, operando, dessa forma, uma inversão no seu sentido." (pág. 206)

Com relação a influência sobre as práticas religiosas no grupo Kaingáng percebe-se que as Igrejas de várias denominações tem forte atuação, sendo que "... Nos últimos anos, intensificaram-se as influências externas sobre os indígenas, através da ação das Igrejas e seitas, principalmente as pentecostais, atingindo em sua pregação, inicialmente, de forma estratégica, as lideranças e os índios mais próximos às sedes dos povos

indígenas. Essa diversidade de Igrejas e seitas levam muitos índios, que se identificam como "puros" (não miscigenados) a firmarem ser a católica a religião dos "antigos" (antepassados). Verifica-se, também, que na organização do Ki-Ki, estes índios tem presença marcante." (pág. 259)

A natureza também é de grande importância para esse grupo indígena, sendo que os fenômenos da natureza como raios, trovões, etc, causam muito medo e preocupação, levantando a hipótese de que os índios vinculem o temporal a idéia de culpa e castigo, mas ao mesmo tempo a caça, pesca, milho, sempre estiveram presentes no vida do Kaingáng fazendo-se inclusive festas em torno dos produtos, existindo ritos sobre plantas e animais que são considerados companheiros dos homens.

É bom ressaltar a importância que a água possui sobre este grupo, principalmente se ela for corrente, pois "... afirmam que a pessoa, com o "espírito desviado" deve lavar a nuca nessa água antes de os passarinhos beberem pela manhã...".(pág. 260)

No que se diz respeito aos rituais em torno do nascimento e da iniciação da criança percebe-se que esta é recebida com grande alegria, sendo que a família convida outras pessoas para visitar a criança, e esta visita torna-se sinônimo de desejo de sorte para ela.

UNICAMP BIBLIOTECA

Logo após o nascimento a criança é banhada com várias ervas para ficar "forte" e quem coordena este ritual é uma pessoa de certa idade. O nome da criança esta ligado a elementos da natureza. Em virtude da sua resistência cultural é um povo que possui um grande número de crianças e jovens, mesmo a FUNAI querendo controlar a natalidade distribuindo inclusive anticoncepcionais e algumas mulheres utilizando ervas também como anticoncepcionais.

Devido a influência dos brancos e das suas proximidades de algumas cidades existem situações em que mulheres buscam recursos da medicina oficial para realizarem seus partos, mas "...muitas das mulheres indígenas mais idosas defendem a idéia de que o parto deve ser feito de forma natural e em casa, e de que a criança deve ser nutrida com o leite materno." (pág. 262)

Nas famílias em que são preservadas as tradições culturais as moças se casam mais jovens e começam a ter filhos entre 14 e 15 anos de idade procurando "... amamentar os filhos por longo período de tempo e andam sempre com eles próximos de si." (pág. 262)

Existem neste grupo indígena três rituais de batismo, sendo que apenas um é do próprio grupo, sem a interferência do branco; este é feito em casa ou perto do uma fonte d'água e participam desse ritual algumas pessoas da

família, são elas: a mãe, a avó e o Kuiã, que desempenha o papel de curandeiro e de sacerdote. São necessárias para esse ritual plantas nativas e água de fonte ou corrente, na qual ferve-se a planta e banha-se a criança.

Como foi dito acima, a moça casa-se muito jovem a partir dos 12 anos de idade e podem fugir se o pai for contra, porém a fidelidade é uma exigência muito forte. Porém com a influência dos brancos os casamentos são realizados além do ritual dos próprios Kaingáng também no posto da FUNAI casamento civil. "...No caso do rapto da moça, pode ocorrer que na comunidade repreenda o jovem e até o coloque na cadeia do posto indígena. A ocorrência de embriaguez ou namoro entre pessoas casadas pode acarretar a prisão de ambos. Em alguns lugares, se os jovens dançam num baile, mas do que uma música juntos ou demonstram intenção de namoro, são aconselhados a casar. No caso de ocorrer a separação do casal, a mulher volta a morar com a sua mãe." (pág. 264-265)

Um ritual de grande importância é o do Ki-Ki o qual acendem fogos que se isolam simbolicamente com folhas verdes de xaxim, o que vai assegurar o espaço sagrado contra os acupli, que designam o espírito do morto, quando esse espaço é rompido pode levar os seres vivos a morte. Esse ritual tem como objetivo "... convencer o acupli de que não mais vive e ajudar o mesmo a encontrar seu lugar definitivo. O espírito do morto poderia

intervir entre os vivos para amá-los e odiá-los. O morto, conforme relatam os Kaingáng, "vai para um lugar de fartura, bonito, com morros, palmeiras e milho verde" onde se reúnem com os seus antepassados. Com a morte afirmam que o espírito vagueia até se tornar uma formiga, por isso os Kaingáng não as matam...". (pág. 266)

As crianças apreendem sobre seus costumes e tradições através dos mais velhos, sendo um ensino bem informal, dão grande importância, apesar da influência dos brancos á alguns de seus ritos e tradições.

Estudando o livro de Betty Mindlin "Tuparis e Tarupás", observei que os índios Tuparis localizam-se em Rondônia e "...chamam de Tarupás os espíritos maléficos da floresta que deram o mesmo nome aos brancos, os portadores da morte, os sarampo e outras doenças que praticamente os dizimaram em 1.954." (pág. 15)

Os Tuparis divulgam a cultura de seu povo que ensinam os mais novos através de histórias/contos com temas comuns aos outros povos, mas com climas especiais. As histórias dos Tarupás são irreais, realistas, ameaçadoras e fantasmagóricas.

Quando falam da morte, falam de maneira em que sua origem parece ao mesmo tempo terrível e engraçada, onde os homens morrem porque choram um morto que prometera voltar. "...As mulheres esquecem que é

proibido chorar; esquecem repetidas vezes como chorar; trazem à aldeia, que esqueceram o canto do choro, uma velha chorona que ninguém suporta, e que é a verdadeira causadora da morte." (pág. 15)

No início do século, antes da invasão do seringalista, os Tuparis eram cerca de três mil, já em 1.934 devido a certas doenças e mortes passaram à ser 250 pessoas. Em 1.954 foram reduzidos a 66 pessoas, porque trabalhavam em regime escravo num seringal onde contraíram sarampo.

Em 1.984, por intermédio de um antropólogo chamado Mauro Leonel conseguiram expulsar os seringueiros da região.

Mesmo tendo muito contato com os brancos e falarem português, os Tuparis viveram isolados e muitos nem conheciam a cidade, vivendo ainda muitas tradições que estavam vivas, misturadas as formas culturais caboclas.

Em 1.988, foram invadidos por madeireiras que devastaram a sua floresta, mudando os hábitos de alguns índios que passaram a ir as cidades. O que levou a vontade de ler, escrever, ter escolas e documentar o passado e suas tradições.

Um dos pontos que me chamou a atenção foi o conto "O Menino Abandonado".

"Um menino chorava sempre, na boca da noite.

- Cala a boca, menino! - O pai falava - Vou te levar para o mato!

Levava para o mato e vinha embora. O menino vinha embora sozinho.

Um dia, o menino chorava no mato, largado pelo pai, como sempre, para apreender a ficar quieto. Ai chegou um Taropá:

- Vem embora, vamos para casa!

O pai ficou esperando, na maloca, o menino voltar. Não ouvia mais seu choro:

- O menino calou! - E lembrou:

- Será que o Tarupá carregou meu filho?

Foi atrás, e não encontrou nada, nem choro. Ficaram todos tristíssimos.

Desde então, nunca mais alguém abandonou assim uma criança."(pág.94)

Estudando várias sociedades indígenas pude observar um traço em comum e marcante a todas elas, que é a forma de transmissão do conhecimento. Fazem uso de vários tipos de linguagem, como : a língua falada, expressões corporais, desenhos, músicas, etc mas não desenvolveram um código de linguagem escrita. O conhecimento é transmitido através da oralidade, da prática do dia a dia de uma geração à outra.

A oralidade nessas sociedades desenvolve o hábito de ter atenção, observação não só ao trabalha mas a natureza, aprimorando o cinco sentidos, a audição, olfato, paladar, visão e tato.

A natureza irá ser o "livro didático" dos indígenas, pois esta estará cheia de sinais que oferecem a sociedade um registro de muitas memórias, isto se dá em conseqüência não só da oralidade mas ao fato da preservação do território, além de permitir um contato maior entre as gerações.

Segundo Carmem Junqueira em seu livro "...Antropologia indígena - Uma Introdução" , "...Os kamayurá costumam repetir : "História serve para que se conheça como se fazem as coisas, para não esquecer o antigo, enfim, para não acabar." Alguns grupos, de algumas sociedades indígenas, reservam as primeiras horas do amanhecer para uma audição de mitos...". (pág. 68-69)

Para os índios o esquecimento das histórias e mitos, é semelhante a morte, pois a perpetuação das lembranças mantém a união do grupo.

Esses processos de transmissão do conhecimento, irá constituir a visão de mundo e a indentidade cultural própria de cada povo, onde cada membro do grupo será um "professor", no desenrolar de cada atividade realizada no cotidiano. Segundo Aracy Lopes da Silva em seu artigo "Porque discutir hoje a educação indígena?" . "...Educa-se pela vida - Aprende-se vivendo, participando. É uma educação que atinge igualmente a todos e que socializa

os conhecimentos essenciais à sobrevivência e ao bem estar. A oralidade, como elemento crucial destas sociedades, reúne as pessoas e faz com que educar e aprender sejam atividades coletivas, comunitárias." (pág. 11-12)

CONCLUSÃO

Partindo do momento em que optei por realizar meu trabalho, baseado na educação indígena o qual é um tema que me interessa muito, pois é um povo esquecido, que sofre ainda inúmeras discriminações, apesar das leis que garantem conquistar alguns de seus direitos formais.

Percebi que existe uma diferença entre Educação Indígena e Educação para o Índio, tanto que atualmente o termo mais usado é Educação Escolar Indígena, pois de acordo com a Educação Indígena que a maior parte dos textos estudados refere-se a cultura indígena tende a desaparecer. Notei que algumas autoridades preocupam-se em evitar a destruição física dos índios, esquecendo que de uma forma ou de outra, o branco está "assassinando" sua cultura, influenciando o índio com seus hábitos e costumes de uma sociedade formal, através de uma escola formal.

Concluí também que as culturas indígenas são muito antigas, mas não são paradas no tempo, pois se transformam, modificam em função dos novos acontecimentos, das novas situações enfrentadas pela influência dos brancos.

Estudei sobre algumas tribos indígenas, alguns de seus costumes como a educação indígena se dá em cada uma delas, a influência sofridas pelos brancos. Descrevi alguns costumes da tribo dos índios Marubo, dos índios kaingáng, dos índios Tuparis, e pude concluir que apesar de todos os esforços destas sociedades indígenas para manter sua cultura e tradição, a influência do homem branco é muito marcante e presente em todas elas. Percebi também que outro fato em comum entre elas, que a forma de transmissão do conhecimento, na qual fazem uso de vários tipos de linguagem, a linguagem falada, desenhos, músicas, expressões corporais, mas não desenvolverão um código de linguagem escrita. Esse conhecimento transmitido através da oralidade da prática cotidiana, é transmitida de geração em geração, permitindo um contato maior entre elas, mantendo também a união do grupo.

Gostaria de ter me aprofundado mais sobre este assunto e sobre outras tribos indígenas, porém até o presente momento não foi possível, mas pretendo continuar esta pesquisa por conta própria, quem sabe, para um futuro projeto de pós-graduação.

BIBLIOGRAFIA

CABRAL, OSWALDO R. - CULTURA E FOLCLORE - FLORIANÓPOLIS, ED. DA COMISSÃO CATARINEBSE DE FOLCLORE, 1954.

PEREGRINO, YARA R .R. - REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO MULTICULTURAL: A REALIDADE BRASILEIRA IN.
PEREGRINO, Y. (COORD.) - DA CAMISETA AO MUSEU - JOÃO PESSOA, PB, ED. UNIV. UFPB, 1995, (PP. 89 - 95).

LEITE, LÍGIA C. - REFERÊNCIAS CULTURAIS E A CONSTRUÇÃO DA ESCOLA, IN CADERNOS CEDES N.° 33, CAMPINAS, 1993, PP. 75 À 86.

ARANTES, ANTONIO AUGUSTO - O QUE É CULTURA POPULAR - COLEÇÃO PRIMEIROS PASSOS - ED. BRASILIENSE.

DONATO, HERNÂNI - OS ÍNDIOS DO BRASIL - COLEÇÃO POVOS DO PASSADO - ED. MELHORAMENTOS ; 62 PGS.

GUARINELLO, NORBERTO LUIS - OS PRIMEIROS HABITANTES DO BRASIL - A VIDA NO TEMPO DO ÍNDIO; ED. ATUAL, 47 PGS.

SILVA, ARACY LOPES DA & GRUPIONI, LUIS DONISETE BENZI-(ORG.) A TEMÁTICA INDÍGENA NA ESCOLA - MEC./ MARI./ UNESCO.

BOSI, ALFREDO - CULTURA BRASILEIRA - TEMAS E SITUAÇÕES - 2ª EDIÇÃO - SÉRIE FUNDAMENTOS - ED. ÁTICA - 198 PGS.

VESENTINI, JOSÉ WILLIAN & MINDLIN, BETTY - A QUESTÃO DO ÍNDIO - COMPEENDENDO O HOMEM E O ESPAÇO - COLEÇÃO SÍNTESE GEOGRÁFICA - ED. ÁTICA - 36 PGS.

MELATTI , DELVAIR MONTAGNER & MELATTI, JÚLIO CEZAR - A CRIANÇA MARÚBO : EDUCAÇÃO E CUIDADOS - INEP REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS - VOL. 62 - N.º 143 -JAN./ ABRIL 79 - PG. 291 - 301.

RIBEIRO, DARCY - OS ÍNDIOS E A CIVILIZAÇÃO , ED. COMPANHIA DAS LETRAS; 559 PGS.

MINDLIN, BETTY - TUPARIS E TARUPÁS - ED. BRASILIENSE - 123 PGS.

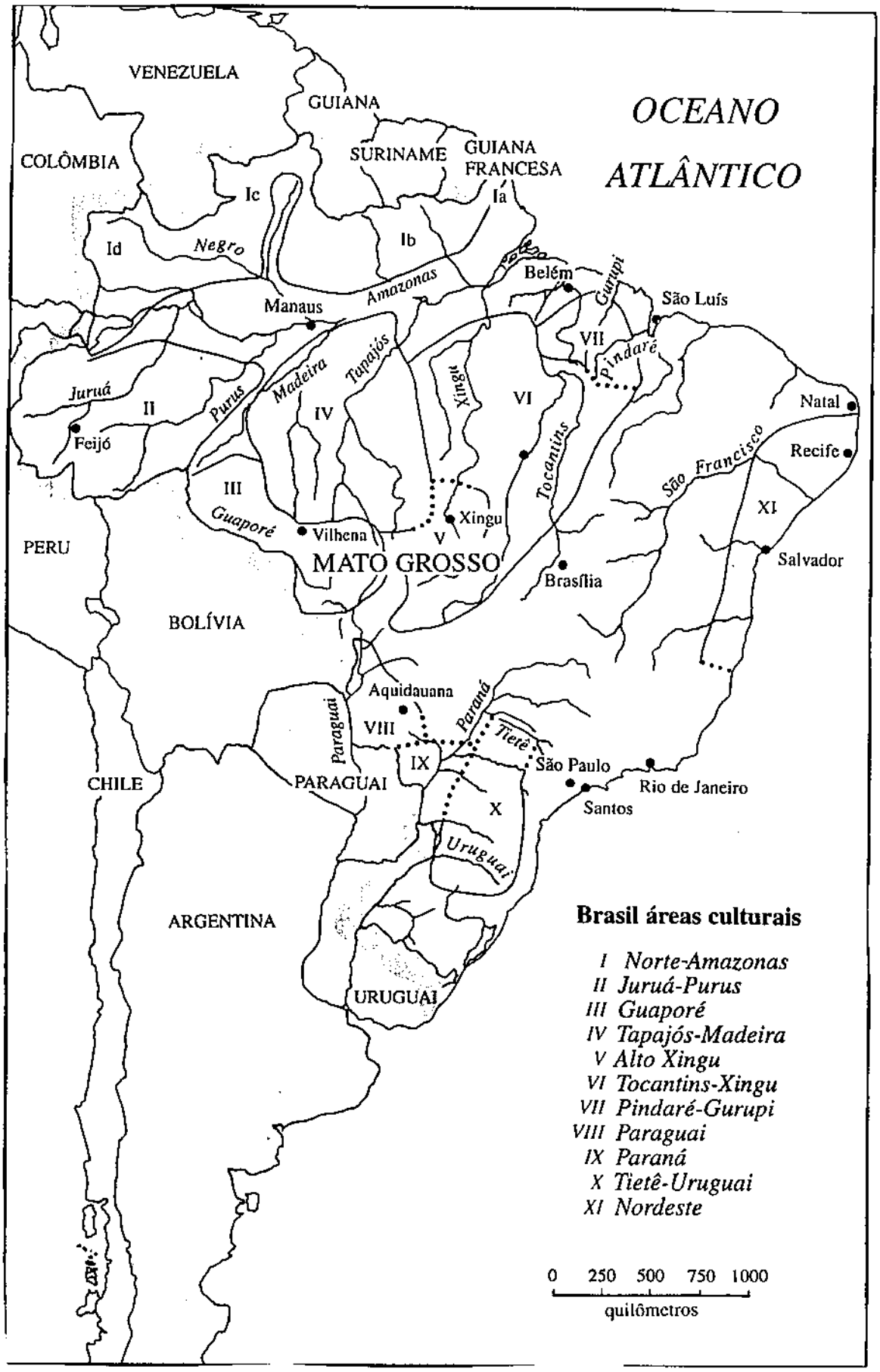
COLETÂNIA - HISTÓRIA E CULTURA KAINGÁNG NO SUL DO BRASIL - COLEÇÃO CULTURA E RELIGIOSIDADE POPULAR - PASSO FUNDO, 1994 , 278 PGS.

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO - A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO INDÍGENA - ED. BRASILIENSE, 219 PGS.

REVISTA EM ABERTO - EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA , BRASILIA, ANO 14, N.º 63, JULHO/SETEMBRO, 1994 , 209 PGS.

ANEXOS

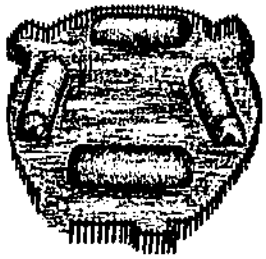
ÁREAS CULTURAIS INDÍGENAS



◀ A provável localização das tribos principais no ano 1500.

LINHA DO TEMPO

Índios brasileiros



18000 a.C.	Vestígios da presença humana em Lagoa Santa.
8000 a.C.	Povos coletores no Brasil Central.
1000 a.C.	Povos ceramistas na Amazônia.
0	Levas indígenas deixam os Andes orientais, descendo pelo interior e pelo litoral.
1100	Tupis e guaranis encontram-se no vale do Tietê, completando a ocupação humana do Brasil.
1500	Os portugueses desembarcam oficialmente no Brasil. Pero Vaz de Caminha descreve a terra e o indígena ao rei Manoel.
1600	Já não há comunidades tupinambás organizadas. A cooptação para a guerra e a escravização para a lavoura dominam o relacionamento entre europeus e indígenas.
1755	O marquês de Pombal decreta a liberdade do índio.
1808	Carta Régia ordena guerra de extermínio contra os botocudos e os caingangues.
1910	Criado o Serviço de Proteção ao Índio.

A história dos índios brasileiros

32.160 a.C.

Testemunhos de atividades em São Raimundo Nonato, no Piauí.

18.000 a 12.000 a.C.

Vestígios de ação do homem em Lagoa Santa, Minas Gerais, e em Paranapanema, São Paulo.

9000 a.C.

Povos coletores vagueiam pelo Brasil Central.

1000 a.C.

Povos ceramistas simples na Amazônia.

500

Povos capazes de produzir cerâmica policromada na Amazônia.

1100

Povos horticultores e ceramistas simples no Brasil Central.

De 1000 a 1100

Tupis começam o domínio do litoral atlântico.

1500

Chegada dos europeus: portugueses franceses e espanhóis.

1532

Com as capitanias hereditárias e a produção açucareira, principia a escravização do índio.

1537

Bula do papa Paulo III declara ser o índio criatura humana. Dotado de alma, não poderia ser caçado ou escravizado.

1585

A Câmara de São Paulo oficializa o apresamento de índios.

1600

Já não existem tupinambás organizados em tribo.

1755

O marquês de Pombal decreta a total liberdade do indígena.

1808

Carta Régia decreta guerra de extermínio contra algumas tribos, que ainda se opunham ao avanço do civilizado.

1910

Criado o Serviço de Proteção ao Índio.

1911

A Lei 9.124 define os Direitos dos Índios.

1939

Criado o Conselho Nacional de Proteção ao Índio.

1968

Criada a Fundação Nacional do Índio – FUNAI.

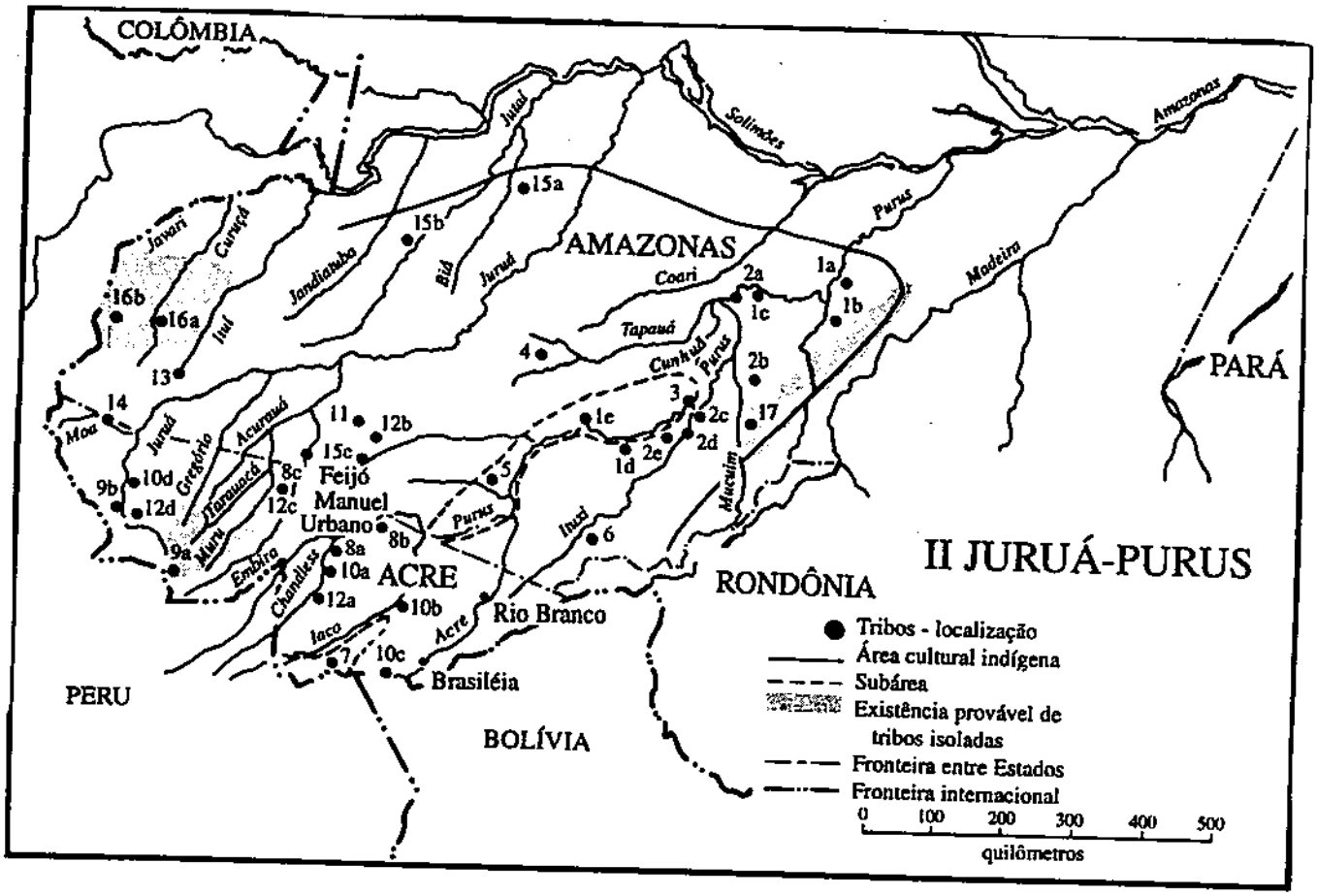
1973

A Lei 6.001 decreta o Estatuto do Índio.

1994

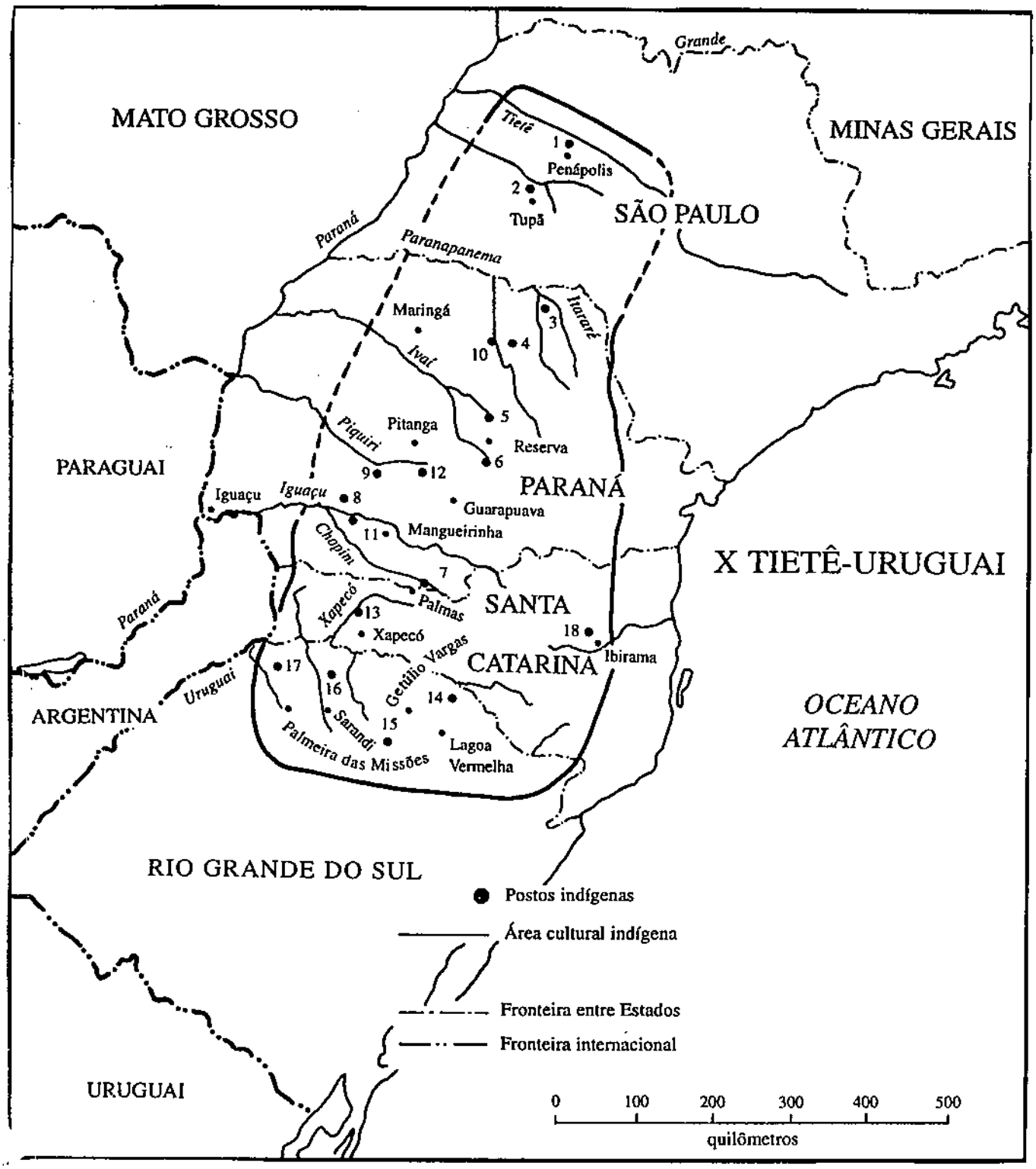
Os remanescentes indígenas seriam entre 220.000 e 250.000.

ÍNDIOS MARÚBO



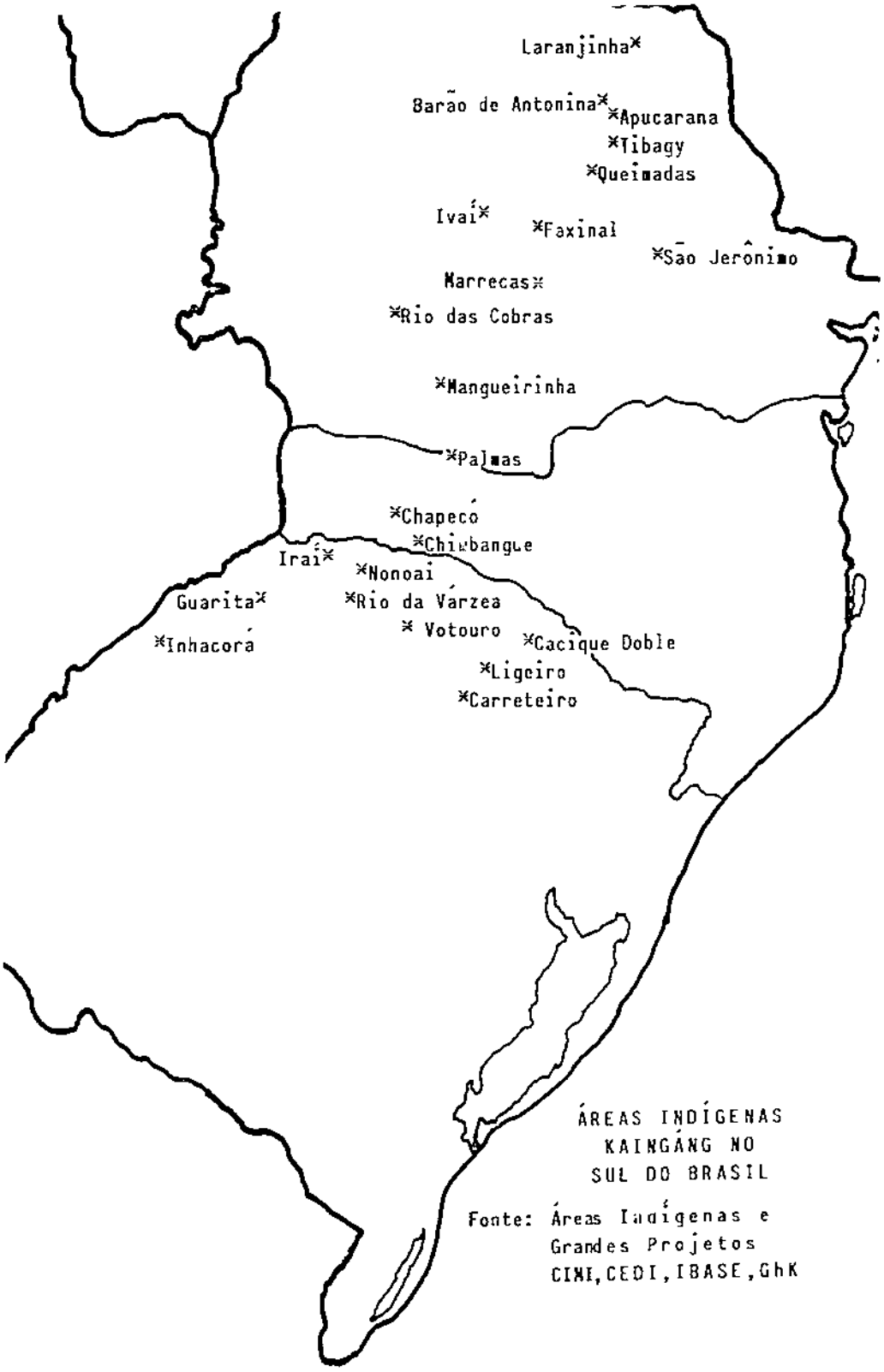
II. Área cultural indígena JURUÁ-PURUS

1. APURINÃ (a-e)
2. PAUMARÍ (a-e)
3. JARUÁRA
4. DANÍ
5. JAMANDÍ
6. KAXARARÍ
7. MANITENERÍ
8. KULÍNA (a-c)
9. KAMPA (á-b)
10. JAMINÁWA (a-d)
11. KANIMARÍ OU TAMANÁWA
12. KAXINÁWA (a-d)
13. MARÚBO
14. POYANÁWA
15. KATUKÍNA (a-c)
16. MÁYA (a-b)
17. JUMÁ



X. Área cultural indígena TIETÊ-URUGUAI

1/17. KAINGÂNG

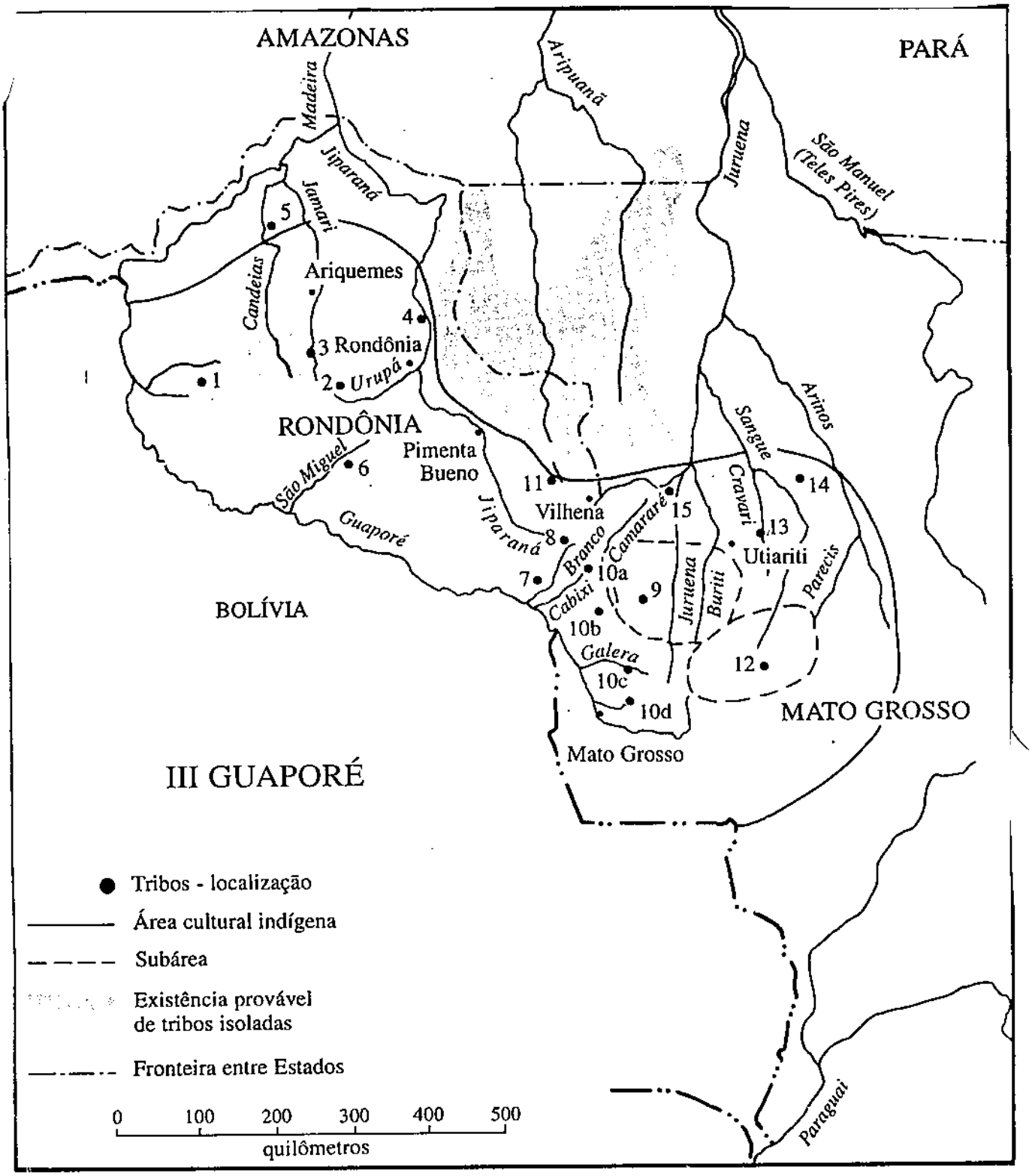


ÁREAS INDÍGENAS
KAINGÁNG NO
SUL DO BRASIL

Fonte: Áreas Indígenas e
Grandes Projetos
CIMI, CEDI, IBASE, GhK

UNICAMP BIBLIOTECA

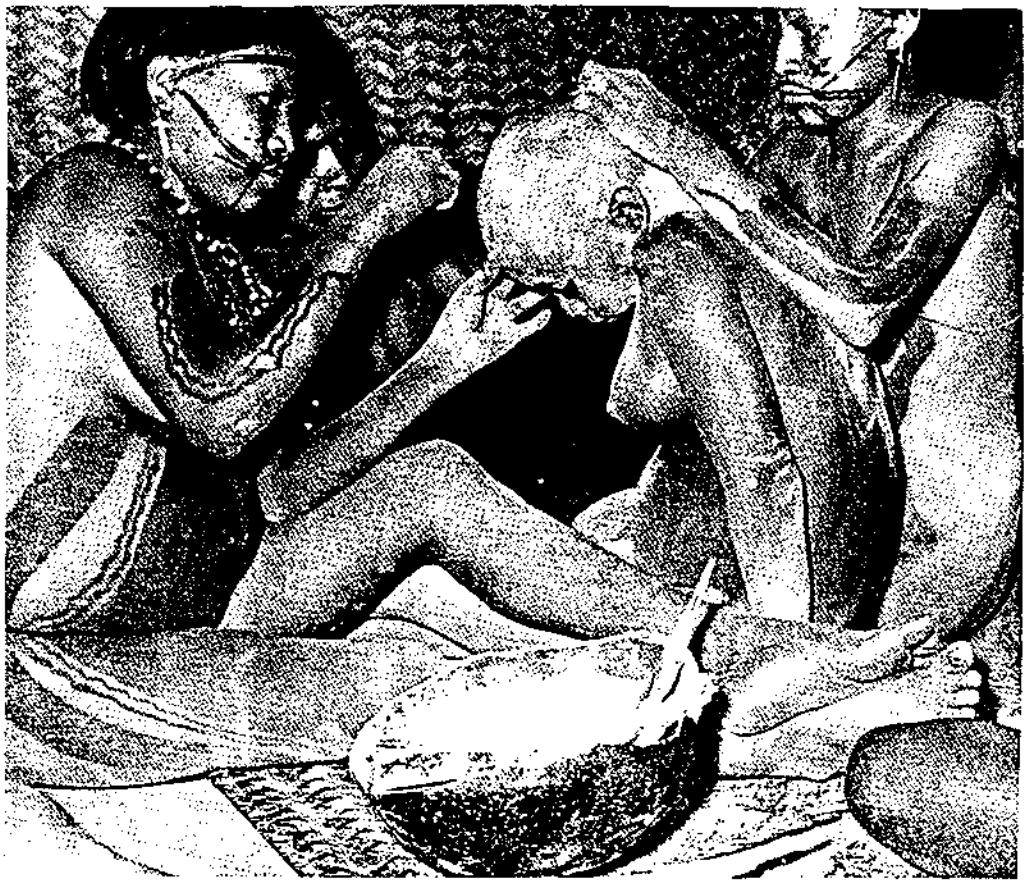
ÍNDIOS TUPARIS



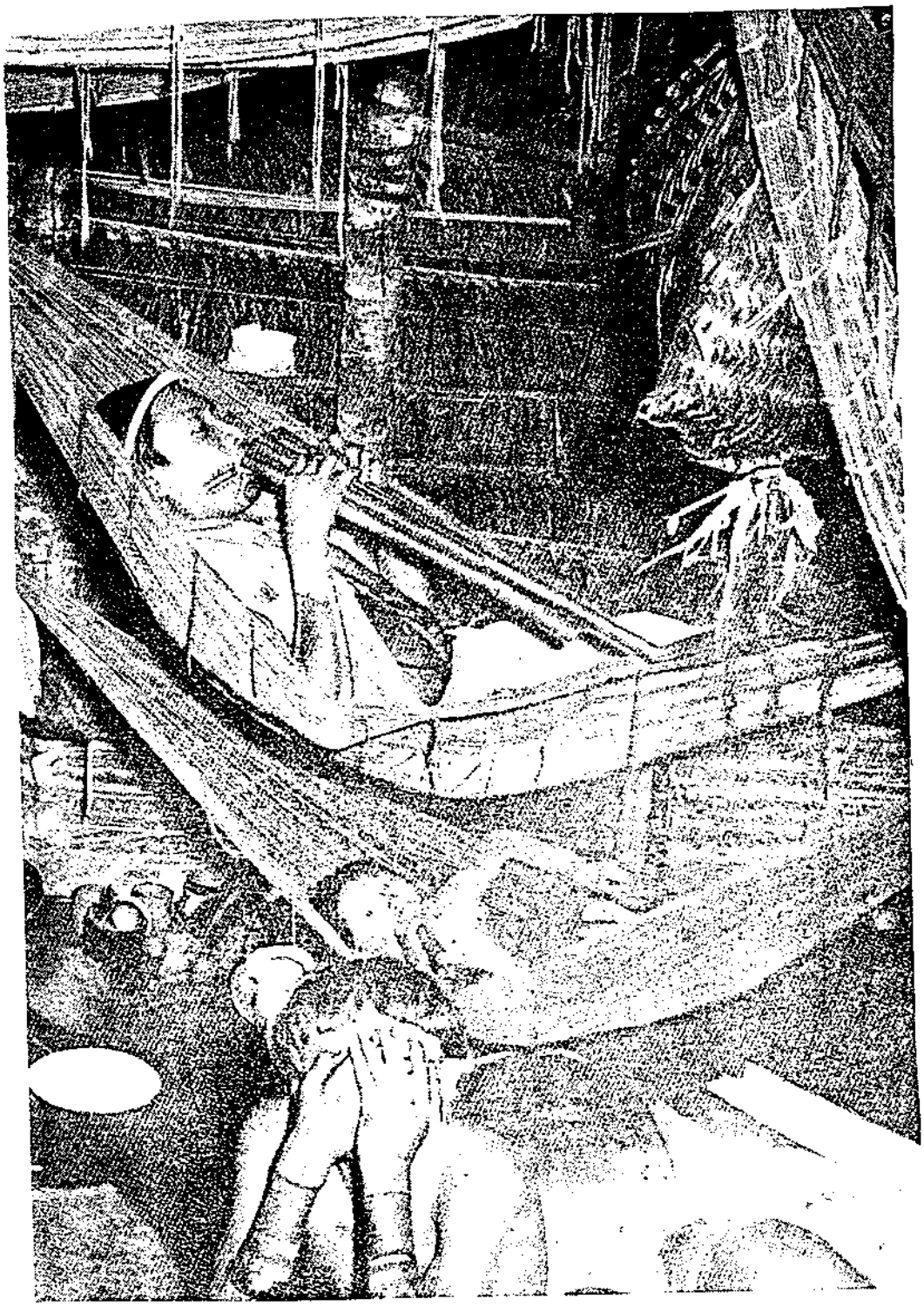
III. Área cultural indígena GUAPORÉ

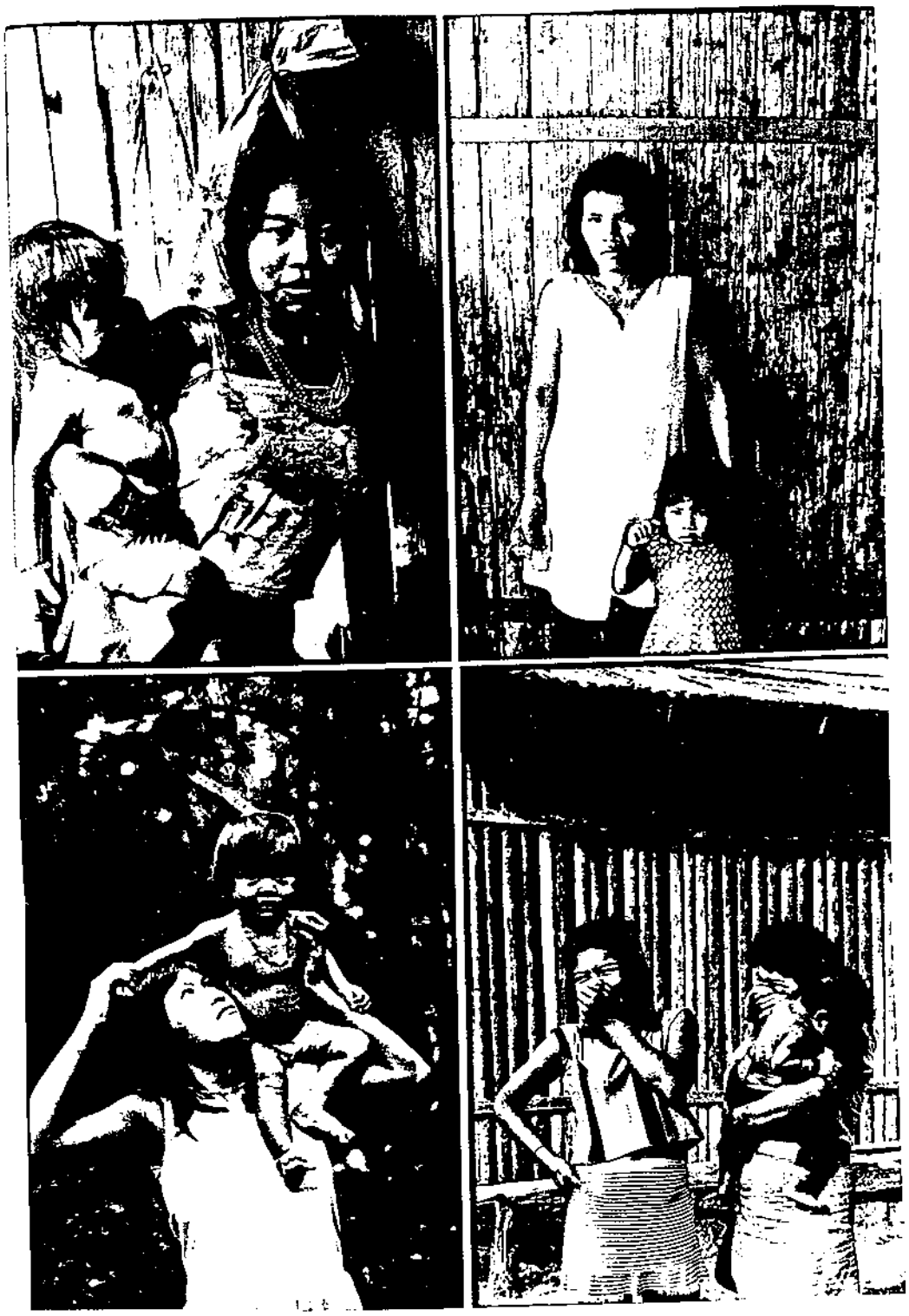
1. PAKAÁNOVAS
2. URUPÁ
3. KARIPÚNA
4. ARÁRA
5. KARITIÂNA
6. PURUBORÁ
7. TUPARÍ
8. ARIKAPÚ OU MAXUPÍ
9. NAMBIKUÁRA
10. Subgrupos
    NAMBIKUÁRA
    a) Mamindé
    b) Manairisú
    c) Galéra
    d) Sararé ou Kabixí
11. SABONES
12. PARESÍ
13. IRANTXÉ
14. BEIÇO-DE-PAU
15. CINTA LARGA

Fotos dos Tuparis
por
FRANZ CASPAR



Ritual de puberdade da jovem
Tõã, e pagé Waitó / 1955



Os xamãs sopram um narcótico (rapé) / 1948

Tsitotobá (Elvira) e Et'oé (Etelvina) levam milho para a maloca 1955